

Populismo, receita para a hiperinflação.

O economista Jeffrey Sachs diz que o populismo promete o impossível: quer dar a todos, sem tirar nada de ninguém.

As leis da economia são simples, quase bíblicas. E os governos devem adaptar-se às leis econômicas, e não o contrário. Respeito ao orçamento e à moeda estável foram as grandes recomendações do seminário "A Hiperinflação e o Futuro da América Latina", segundo seu organizador, Norman Gall.

Reunindo durante quatro dias, em São Paulo, economistas e ex-ministros do Brasil e do Exterior, o encontro permitiu antever o que será preciso fazer para escapar ao descontrole inflacionário. As grandes estrelas foram Jeffrey Sachs, de Harvard, que ajudou a vencer a hiperinflação boliviana e é consultor da Argentina e do So-

lidariedade, na Polônia, e Gonzalo Sánchez de Losada, ex-ministro do Planejamento da Bolívia, primeiro colocado nas eleições presidenciais para a sucessão de Paz Estenssoro, mas derrotado pela coligação esquerda-direita (Paz Zamora, o presidente, e Hugo Banzer).

Como vencer a hiperinflação? Dizendo a verdade, mesmo que doa, explicou Sánchez de Losada. "A maior surpresa no pacote boliviano, em 85, foi dos ministros do gabinete. É bom que haja uma reunião de médicos, mas não com a presença da esposa, dos filhos, dos sócios, da **querida**" (a amante). "Os sindicatos fizeram greve, saiu o estado de sítio, Ban-

zer teve que pôr os tanques na rua e, logo que o Congresso aprovou, ninguém gostava mas todos aceitaram. Se alguém aplaudisse, ficaríamos preocupados. Fui declarado **persona non grata** em oito dos nove departamentos (Estados) bolivianos. O Brasil só vencerá a inflação liberando preços, salários e o comércio externo, exportações e importações, para que haja competição. Não acreditem se os empresários disserem que vão quebrar. Não quebram. A inflação boliviana foi de 2,79% nos primeiros sete meses de 89."

Vencer a hiperinflação implica um custo social, admitiu-se. Por isso, Sachs recomenda ao Brasil renegociar a dívida externa

simultaneamente ao ajuste interno. Uma reforma tributária volta-da para melhorar a distribuição de renda é essencial, observa. "A característica do populismo é que ele é distributivo, e não redistributivo. Os populistas não elevam os impostos. Eles querem dar, mas sem tirar de ninguém."

O resultado do populismo é conhecido. E as pressões para que o governo não elimine seu déficit (os gastos sempre beneficiam alguém) é tão grande que, do México, o ex-ministro Jesus Herzog extraiu a seguinte experiência: "A sociedade precisa entender os programas de ajustamento de forma cabal. Há um problema de comunicação". A tal ponto que, três

meses após seu programa de aperto, um jornal do interior deu na manchete: "Basta de realismo, vamos às promessas".

O boicote aos programas de estabilização é tão grande que, quando o governo mexicano mandou cortar 10% de todas as obras, um dos ministérios determinou a paralisação "justamente da parte central de uma ponte rodoviária". Por isso, segundo Herzog, "é preciso cortar a árvore, não os ramos: há gastos que devem ser suprimidos por inteiro, os cortes não podem ser horizontais". E em 87, quando a inflação chegou a 160%, "ainda se achava que nada mais havia a cortar".

Fábio Pahim Jr.